

ANÁLISE GRAMATICAL DA 1ª PESSOA DO SINGULAR E DO PLURAL NA LÍNGUA GUINEENSE: UMA ANÁLISE COM AS CANÇÕES DE ESTILO GUMBÉ, RAP E TINA DE BISSAU, NO PERÍODO 2020-2024¹

Joãoquiline Vaz Mané²

RESUMO

Este artigo discute aspecto relativo a análise gramatical da 1ª pessoa do singular e plural na língua guineense, analisando como as canções de estilo gumbé, rap e tina de Bissau no período de 2020-2024 frequentemente misturam o guineense e outras línguas de origem africana refletindo a realidade sociocultural e linguística do país, onde várias línguas convivem. Como as marcas gramaticais da primeira pessoa do singular e do plural da língua guineense se manifestam nas canções dos estilos gumbé, rap e tina? As canções dos estilos gumbé, rap e tina, presentes na cultura guineense, são muito ricas nos elementos linguísticos que refletem na influência das línguas africanas e nas línguas étnicas. Levando em conta o vocabulário usado nesses estilos musicais, as letras frequentemente têm as palavras do guineense e das línguas étnicas, levando em conta também a origem do artista. As marcas linguísticas da primeira pessoa baseiam-se na gramática das línguas africanas. A pesquisa também tem como objetivo estudar as marcas da primeira pessoa do singular e do plural na língua guineense, transcrever essas canções do estilo tina, gumbé e rap; identificar a presença das marcas da 1ª pessoa e explicar o seu funcionamento na língua descrevendo e dando exemplos. Esta pesquisa é relevante por diversos motivos: a preservação da cultura e a identidade guineense faz com que o estudo dessa influência linguística nas canções locais contribui para a valorização e preservação da cultura e identidade guineense, promovendo o reconhecimento e apreciação da diversidade linguística do país. No geral, esta análise gramatical da primeira pessoa do singular e do plural nas canções dos estilos gumbé, rap e tina, revela uma complexidade da língua e da cultura no país, através das canções, os artistas demonstram como essas formas linguísticas são essenciais para transmitir emoções, contar histórias e expressar identidade. A pesquisa sobre a gramática da primeira pessoa nas canções guineense não só contribui para o entendimento linguístico, mas também para a apreciação mais profunda das dinâmicas sociais e culturais em Bissau, destacando as canções como uma forma de expressar a identidade cultural guineense. Para além disso, a pesquisa contribuiu para a elaboração futura de uma gramática da língua guineense que é uma língua importante para o povo da Guiné-Bissau.

Palavras-chave: língua guineense – gramática; canção; análise linguística; sociolinguística.

¹ Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado ao curso de Licenciatura em Letras - Língua Portuguesa, da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), Campus dos Malês, sob a orientação do Prof. Dr. Alexandre António Timbane.

² Discente do curso de Licenciatura em Letras – Língua Portuguesa pela UNILAB.

ABSTRACT

This article discusses aspects related to the grammatical analysis of first-person singular and plural markers in the Guinean Language (Guinea-Bissau Creole), examining how songs in the gumbé, rap, and tina genres from Bissau between 2020 and 2024 frequently blend the Guinean Language with other African-origin languages, reflecting the country's sociocultural and linguistic reality, where multiple languages coexist. How are first-person singular and plural grammatical markers realized in gumbé, rap, and tina songs? Songs in the gumbé, rap, and tina genres, which are part of Bissau-Guinean culture, are rich in linguistic elements that reflect the influence of African and ethnic languages. Considering the vocabulary used in these musical genres, the lyrics frequently include words from the Guinean Language and other ethnic languages, while also reflecting the linguistic background of the artists. The linguistic markers of the first person are based on the grammatical structures of African languages. The research also aims to study first-person singular and plural markers in the Guinean Language, to transcribe songs from the tina, gumbé, and rap genres, to identify the occurrence of first-person markers, and to explain their functions in the language through description and examples. This research is relevant for several reasons. The preservation of Bissau-Guinean culture and identity is one of them, as studying this linguistic influence in local songs contributes to the appreciation and preservation of cultural identity while promoting recognition of the country's linguistic diversity. Overall, this grammatical analysis of first-person singular and plural markers in gumbé, rap, and tina songs reveals the complexity of language and culture in Guinea-Bissau. Through their songs, artists demonstrate how these linguistic forms are essential for expressing emotions, narrating stories, and constructing identity. Research on first-person grammar in these songs contributes not only to linguistic understanding but also to a deeper appreciation of the social and cultural dynamics in Bissau, highlighting music as a means of expressing Bissau-Guinean cultural identity

Keywords: Guinean language – grammar; song; linguistic analysis; sociolinguistics.

1 INTRODUÇÃO

Uma língua natural é composta por uma gramática. A gramática é o conjunto de regras que indicam o uso mais correto de uma língua. O guineense é uma língua com várias influências do português e também das outras línguas africanas, resultado do contato entre línguas africanas e português, segundo Boletim oficial da Assembleia Nacional Popular, a Lei nº 7/2007, regula a obrigatoriedade de uso da língua portuguesa nos departamentos de estado e nos meios de comunicação Social audiovisuais públicos e privados. O português é a língua que mais contribuiu com o léxico no crioulo guineense, o que significa que forneceu a base lexical para que o guineense possa desenvolver. Léxico, segundo Biderman (1996), é o lugar da estocagem da significação e dos conteúdos significantes da linguagem humana. É com o léxico que se formam frases e discursos.

Entendemos por línguas crioulas o conjunto de línguas que se formam pelo contato linguístico em espaços geopolíticos reduzidos e que a língua dominante empresta o léxico e a gramática é baseada nas diversas línguas em interação. A maioria das línguas crioulas possuem um nome, pois a palavra “crioulo” é genérica para todas as línguas que se formam neste contexto (Timbane e Manuel, 2018).

Nesta pesquisa, o crioulo falado na Guiné-Bissau será chamada de “língua guineense”. Esta é uma posição nossa, na qualidade de pesquisadores para que a língua guineense seja tratada com dignidade e equilíbrio como qualquer outra língua natural do mundo, merecendo respeito para a descrição, para a criação de gramáticas e dicionários e que futuramente se possa ensinar nas escolas.

As línguas crioulas são línguas naturais que se formam através dos contatos de diferentes línguas e povos, o que resulta num ecossistema linguístico compôs por: Língua + Território + Povo (Couto, 2007). Elas surgem quando grupos linguísticos distintos precisam urgentemente de se comunicar e acabam desenvolvendo uma língua que mistura os elementos da gramática das línguas dos povos em interação e o léxico da língua dominante politicamente. As línguas crioulas são faladas em várias partes do mundo, como por exemplo na África (Cabo-verde, Guiné-Bissau, São Tomé e Príncipe, Ilhas Maurício e Seychelles), no Haiti, nos Estados Unidos, Jamaica, Bahamas, Trindade e Tobago e outras partes do Caribe.

As línguas crioulas possuem características únicas (com gramáticas próprias) que refletem na mistura e na diversidade cultural dos povos nativos, também, são fenômenos linguísticos que resultam da interação entre diferentes línguas ligadas às identidades culturais e sociais, da comunidade guineense. Na Guiné-Bissau, a língua guineense desempenha um papel muito importante na comunicação do dia à dia e na construção da identidade nacional. Essa identidade nacional refere-se ao conjunto de características, valores, símbolos e experiências que unem um grupo de pessoas em um país específico. Essas experiências podem ser formadas pelos seguintes fatores como História, cultura, línguas, identidades e entre outras práticas culturais, também podem ser expressas através símbolos, como bandeira e hino que são importantes numa nação.

O presente estudo busca explorar essas influências, examinando como a gramática do guineense funciona assim como o seu uso num espaço da negociação cultural, onde as identidades são continuamente moldadas e redefinidas. Ao abordarmos o confronto e a convivências entre as línguas, a pesquisa não só se propõe em ampliar a compreensão sobre a língua em si, mas também sobre as raízes históricas e sociais que configuram a Guiné-Bissau. Essas raízes estão expostas na gramática de forma sutil.

Assim, essa análise do guineense aparece como uma chave essencial para entender a complexidade da herança linguística e a construção da identidade nessa região africana. O impacto da influência do português e das línguas africanas na variação do guineense nas canções do estilo gumbé, rap e tina em Bissau, no período 2020 a 2024, pode ser significativo, a partir da presença do guineense como língua da unidade e de influências culturais que se refletem nas letras das músicas desses gêneros musicais. As músicas cantadas na língua guineense e em diversas línguas étnicas da Guiné-Bissau manifestam as marcas de identidade local e os artistas guineenses utilizam essas estratégias para marcarem a guineendade e as suas origens. Refletindo a diversidade cultural e linguística do país, e podendo contribuir para a preservação e valorização das diferentes línguas presentes na Guiné-Bissau.

Essas canções frequentemente misturam o guineense e outras línguas de origem africana refletindo a realidade sociocultural e linguística do país, onde várias línguas convivem. Muitas letras dessas músicas abordam questões sociais e políticas modernas, utilizando o vocabulário e expressões do guineense e de outras línguas étnicas.

O uso dessas expressões típicas do guineense assim como, das línguas étnicas adiciona um caráter legítimo às canções, tornando-as mais acessíveis ou seja, mais compreendidas pelo público local, como por exemplo a expressão **“N’kunsá na canta gô”**. Essas canções conseguem transmitir as preocupações do povo e criticam as ações da vida cotidiana da população, criando um espaço onde as várias influências linguísticas encontram-se de forma criativa pelos artistas. O uso do guineense em colaboração com as diversas línguas étnicas pode ser vista como uma afirmação de identidade e valorização da cultura local, enfatizando a importância da língua na construção de uma narrativa nacional.

Essa característica mostra como a música moderna em Bissau é um corpo fértil para o cruzamento entre as tradições linguísticas do guineense e línguas africanas, mostrando a diversidade e a complexidade cultural da Guiné-Bissau. Entre 2020 a 2024, a Guiné-Bissau tem enfrentado instabilidades política e sociais, o que influencia diretamente na música local. O descontentamento popular e a busca por mudanças costumam refletir-se nas letras das canções, onde as línguas africanas podem ser usadas para expressar uma resistência cultural contra a negação das tradições.

Assim, a interação entre o guineense e as línguas étnicas enriquece a música guineense moderna, refletindo as dinâmicas sociais e culturais em constante evolução. Como as marcas gramaticais da primeira pessoa do singular e do plural da língua guineense se manifestam nas canções dos estilos gumbé, rap e tina? As canções dos estilos gumbé, rap e tina, presentes na cultura guineense, são muito ricos nos elementos linguísticos que refletem na influência das

línguas africanas e nas línguas étnicas. Levando em conta o vocabulário usado nesses estilos musicais, as letras frequentemente têm as palavras do guineense e das línguas étnicas, levando em conta também a origem do artista. As marcas linguísticas da primeira pessoa baseiam-se na gramática das línguas africanas.

Muitas das vezes, as letras desses estilos musicais citados no trabalho, frequentemente abordam as questões de identidade, cultura, política, sociedade ou resistências, usando elementos das línguas africanas para transmitir a inclusão da cultura, enquanto que o guineense é usado para atingir um público mais amplo. Também costuma-se ver muita mistura entre o português falado nas ruas e as línguas africanas, criando uma gíria que combina com a juventude e realidade social, interagindo de uma maneira dinâmica mostrando que a música é um espaço de resistência cultural e de diálogo entre diferentes línguas, trazendo a rica herança africana e também a influência da colonização portuguesa, podendo proporcionar um meio poderoso para a expressão de identidade e vivência.

As canções dos estilos gumbé, rap e tina desempenham um papel muito crucial na identidade cultural e linguística dos jovens guineenses, trazendo as letras da vida diária, tradições culturais, questões sócias mostrando diretamente a realidade que a juventude guineense vive, trazendo também elementos culturais, danças ou referências históricas, reforçando um sentimento de orgulho a cultura guineense. As músicas discutem sobre desafios contemporâneos, como por exemplo a pobreza, a desigualdade, a corrupção, que são aspectos mais vivenciados no país, essas abordagens críticas e reflexivas, muitas vezes encorajam a juventude local a engajar-se ativamente em suas comunidades e também em sociedade em geral, promovendo consciência cívica.

Esta pesquisa é relevante por diversos motivos: a preservação da cultura e a identidade guineense faz com que o estudo dessas influências linguísticas nas canções locais contribui para a valorização e preservação da cultura e identidade guineense, promovendo o reconhecimento e apreciação da diversidade linguística do país. O conhecimento sobre a influência das línguas nas canções, pode ter um impacto significativo na produção musical, criando novas oportunidades e promovendo a diversidade linguística na indústria musical da Guiné-Bissau. Assim, a análise da primeira pessoa gramatical na língua guineense nas canções do estilo Gumbé, Rap e Tina, visa descrever funcionamento linguístico da língua, uma vez que a língua ainda não tem a sua própria gramática impressa.

Assim, esta pesquisa também será relevante para o atendimento da diversidade linguística e cultural na Guiné-Bissau, além de proporcionar um conhecimento valioso sobre a interação entre canções, linguagens e identidade cultural. A escolha deste tema é de extrema

importância porque a música é uma expressão muito importante em qualquer comunidade, e no caso da Guiné-Bissau, os estilos gumbé, rap e tina são representativos para identidade musical do país, esta pesquisa é uma forma de valorizar a cultura guineense e contribuir para sistematização e registro do guineense.

A língua é um elemento central na construção da identidade de um povo, e a maneira como ela é utilizada nas canções pode refletir nos aspectos sociais, políticos e históricos de uma sociedade. Compreender como o guineense e as línguas étnicas podem misturar-se e transformarem-se nas canções guineense, e podem proporcionar conhecimentos sobre as relações interculturais e a diversidade linguísticas do país.

Portanto, a escolha desse tema é muito relevante não só apenas para a compreensão da cultura e da linguística guineense, mas também para a promoção da diversidade cultural e linguística na sociedade moderna. A pesquisa tem como o objetivo geral estudar as marcas da primeira pessoa do singular e do plural na língua guineense. Como objetivos específicos, a pesquisa visa transcrever as canções do estilo gumbé, rap e tina selecionadas aleatoriamente; identificar a presença das marcas da 1ª pessoa; explicar o seu funcionamento na língua descrevendo e dando exemplos, explicar os traços da primeira pessoa do singular plural nesta língua.

2 SITUAÇÃO SOCIOLINGUÍSTICA DA GUINÉ-BISSAU

Como aborda Embaló (2008), que depois da independência, foi generalizada a utilização do guineense, invadindo as administrações e conquistando os lugares que eram dominados pelos portugueses antes da colonização, como foi o caso de rádio nacional, que também houve tentativas de introduzi-lo como língua de ensinos e não conseguiram, desde a preparação dos próprios professores, falta de matérias didáticos e também o facto de crioulo apesar de ser língua nacional não é língua materna de muitos guineenses.

Nisto, Embalo (2008) mostra que questão da introdução do crioulo como língua de alfabetização das crianças, sustentando que segundo Johannes Augel o crioulo é a única língua viável para tal. Embaló (2008), também defende que a língua de alfabetização tem um peso determinante nos sucessos e insucessos escolares, deve ser que os insucessos vistos na Guiné-Bissau a todos os níveis, tem a ver com falta de formação dos professores.

Com efeito, se compararmos com o que se passava na época colonial, veremos que crianças dos meios rurais que não tinham sequer o crioulo como língua materna, conseguiam fazer os seus estudos com sucesso nas missões católicas ou mesmo nas escolas oficiais, tendo muitas delas beneficiado de bolsas de estudo para formações superiores no estrangeiro. (Embaló, 2008, p. 103)

A autora também comentou outros aspectos que dificultam na promoção da língua nacional como língua do ensino, por isso ela permaneceu sem escrita regulamentada, apesar da existência de uma proposta para a sua ortografia feita pelo ministério da educação em 1987.

Nesta proposta a ortografia é fonética e com base no alfabeto latino, mas recorrendo a empréstimos do alfabeto internacional para expressar sons do crioulo que não existem na língua portuguesa. A inexistência de uma regulamentação faz com que cada um escreva o crioulo à sua maneira, o mesmo vocábulo aparecendo com diferentes grafias. Este facto é também apontado como um freio ao desenvolvimento da literatura em língua guineense. (Embaló, 2008, p. 103-104)

Embaló (2008), argumenta que mesmo com a não existência de codificação oficial do crioulo guineense, tem-se afirmado muitas vezes na cultura guineense. Com a predominância do português quase até aos anos 1980 na literatura da Guiné-Bissau, mas agora principalmente nos últimos anos muitos autores partilham os seus livros no crioulo guineense. Segundo Couto e Embaló (2010, p. 28), a Guiné-Bissau apresenta uma grande diversidade linguística, onde falam cerca de vinte (20) línguas, e muitas delas pertencem diferentes famílias, outras tão aparentadas que poderiam ser classificadas como dialetos de uma mesma língua, como veremos logo abaixo. Estas línguas coabitam com o crioulo, língua veicular e de unidade nacional, e com o português, língua oficial, ambas resultantes da colonização portuguesa. Cá e Timbane (2021) ressaltam ainda que, cada uma dessas línguas pertence a um grupo de étnico localizados em territórios guineenses e os nomes coincidem com os nomes das línguas. Continuaram afirmando que as fronteiras linguísticas extrapolam as fronteiras geopolíticas, o que significa que há línguas faladas na Guiné-Bissau que também são faladas nos países vizinhos. “Como é o caso de línguas mandigas, mankanyas e balantas que são faladas no Senegal” (Cisse s.d *apud* Cá; Timbane, 2021).

Os grupos étnicos possuem culturas, tradições, costumes e hábitos diferentes, o que torna o povo da Guiné-Bissau rico sócio culturalmente, utilizando diversas línguas e práticas sociais que constituem património imaterial da humanidade. Há que realçar a normalidade de cada indivíduo falar duas ou mais idiomas. O multilinguismo é um fenómeno normal neste país. (Cá; Timbane, 2021, p. 130)

Para além das línguas do grupo bantu faladas no país, também se fala o guineense que uma língua africana de base lexical portuguesa falada por 90,4%, segundo dados do último

Recenciamento do Instituto Nacional de Estatística-INE (2009). Cá e Timbane (2021) afirmam que segundo esses dados do INE, apontam que o português, mesmo sendo a língua oficial, é falada por apenas 27,1%, o que é pouco. Cá e Timbane (2021), salientam que, a atitude dos guineenses ao valorizarem o guineense ao invés de português por parte dos guineenses revela a resistência face à imposição política linguística feita pelo Governo guineense desde 1994.

Ainda Cá e Timbane (2021), continuam esclarecendo que o guineense é mais visível na vida dos guineenses. De acordo com Cá e Timbane (2021) nos dados de INE/GB, mostra-se que as línguas étnicas e o guineense são as mais faladas pela maioria de população, a língua oficial, nesse caso o português é conhecido e aprendido pela população alfabetizada e urbana. Os dados salientam ainda que apesar do guineense não é a língua oficial do país, é a língua do cotidiano, independentemente da etnia ou grupo social.

As línguas faladas na Guiné-Bissau, são estas, Fula, Balanta, Mandinga, Pepel, Manjaco, Beafada, Mancanha, Bijagos, Felupe, Mansonca, Balanta Mane, Nalu, Saracule, Sosso, língua gestual guineense, lembrando ainda que não só se fala estas línguas, pois estas são as mais faladas, ainda existem outras línguas que possuem menor números de falantes e que se encontra em vias de extinções como caso de Padjadinka, Seréré, Kassanga, Banhus, Bayotes (Cá e Timbane 2021). Mas também não se pode ignorar as línguas transfronteiriças faladas pelos povos de Senegal (wolof, Diola, pajade mandinga, peul e árabe) e Guiné-Conacri (fula, susu e maninka, nalus e árabe). O povo do Senegal, da Guiné-Bissau e de Guiné-Conacry constitui historicamente mesmo povo, com mesma origem e foram separados pelos europeus na Conferências de Berlim. Por isso as fronteiras línguas são diferentes das fronteiras geopolíticas.

Voltando para a Guiné-Bissau “a língua mais falada na Guiné-Bissau, além do guineense que é a língua do cotidiano por muitos guineenses, é Fula com 28,5% dos falantes” (INEB/GB, 2009 *apud* Cá; Timbane, 2021).

O guineense é a língua franca e nacional para a maioria dos cidadãos. Essa é a língua falada pela maioria da população nos seus usos cotidianos e principalmente na capital do país. A escolha do guineense se justifica pelo fato de não pertencer a nenhum grupo étnico, ou seja, é possível afirmar que o guineense é a língua da unidade linguística, por ser a única língua que desde a luta da libertação serviu de instrumento de comunicação entre os guerrilheiros e ainda hoje permite e facilita a comunicação entre diferentes grupos étnicos do país. É importante lembrar que Amílcar Cabral utilizou o crioulo para unir Cabo verde e a Guiné-Bissau na luta de libertação. (Cá; Timbane 2021, p. 134)

O português é a língua, menos falado por uma percentagem de 27,1% da população, é também a língua de trabalho e do ensino, e que essa escolha é meramente política, porque tem

muitas línguas no país capazes de exercer esse papel e foram excluídas da decisão” (Couto e Embaló, 2010 Apud cá e Timbane, 2021). Cá e Timbane (2021), reforçam dizendo que na Guiné-Bissau, são poucas famílias que têm o português como a língua materna ou do cotidiano, e isso faz com que a maioria das crianças comecem a ter contato com a língua portuguesa a partir dos seis anos, especialmente nas zonas rurais, quando entram no primário (jardim de infância). Muitas das vezes, as dificuldades de aprendizagem fazem com que os professores/as preferem explicar os conteúdos das suas aulas em guineenses para facilitarem o aprendizado desses alunos, já que eles conseguem assimilar melhor os conteúdos nessa língua.

Os documentos do Ministério da Educação Nacional (MEN) não orientam que os professores façam traduções nas aulas. É proibido falar uma língua diferente do português nas escolas. É obrigatório o uso do português no recinto escolar e em especial na sala de aula e a norma a seguir, é a norma europeia do português. É aqui onde se observa um grande desafio porque ninguém que nasceu, cresceu e envelheceu na Guiné-Bissau poderá falar tal como se fala em Portugal. É difícil para quem não tem noções teóricas e sociolinguística compreender que entre Bissau-guineenses e portugueses ninguém fala errado, apenas falam diferentes. (Cá; Timbane, 2021, p. 134).

O português é a língua oficial do país, portanto é a língua utilizada na educação formal, especialmente nas escolas públicas assim como privados também, a Guiné-Bissau possui uma grande diversidade de línguas africanas faladas pelos diferentes grupos étnicos do país. Estas línguas africanas e o guineense são mais utilizadas nas comunicações diárias e também em contextos informais, isso inclui também as áreas de educação de educação complementar (aula de reforço) ou informal. Embora o português, seja a única língua oficial do país adotado oficialmente na educação formal, várias línguas também desempenham um papel muito importante na vida diária dos guineenses (Cá; Timbane, 2021).

3 FORMAÇÃO DOS CRIoulos E SUA IMPORTÂNCIA NA VIDA DOS GUINEENSES

Segundo Hagemeyer e Alexandre (2010), os crioulos de base lexical portuguesa da Alta Guiné (CAG) e do Golfo da Guiné (CGG) constituem duas famílias linguísticas independentes cuja formação remonta aos séculos XV e XVI, num contexto de escravatura, tendo resultado do contacto entre o Português (arcaico e regional) e diferentes línguas africanas de diversas famílias do Níger-Congo. Os CAG incluem o Kabuverdianu (CCV), o Kriyol (CGB) e o crioulo

de Casamansa¹; os CGG abrangem o Santome (ST), o Angolar (ANG), o Principense (PR) e o Fa d'Ambô (FA).

Não obstante os progressos alcançados na crioulistica ao longo das últimas décadas, continua aceso o debate sobre a formação destas línguas e sobre a sua afiliação genética e tipológica. Em particular, diversos autores têm proposto que os crioulos formam uma classe de línguas tipologicamente distinta de outras línguas. A mais antiga hipótese de que os crioulos constituiriam uma classe genética (ou uma família linguística) devido a um conjunto aparente de semelhanças traduz-se na chamada monogénese, uma teoria que advogava que todos os crioulos teriam na sua origem um único pidgin Português (Sabir ou West-African Pidgin Portuguese), que foi relexificado por outras línguas. (Hagemeijer; Alexandre, 2010, p. 3)

Hagemeijer e Alexandre (2010), afirmaram ainda que o arquipélago de Cabo-verde, descoberto em 1462, a ilha de Santiago foi a primeira a ser povoada, logo seguiu-se a ilha do Fogo e também de Maio e Brava, funcionando como armazém dos escravos na época, e as outras ilhas como S. Anton e S. Nicolau, vieram a ser povoados só no ano 1570, e as outras restantes ilhas como Barlavento (S. Vicente, Sal e Boavista) só foram povoadas a partir do século XVIII. “A variedade de Santiago foi formada nas primeiras décadas depois da sua descoberta e hoje é considerado um dos crioulos mais antigos” (Brüser; Santos, 2002 *apud* Hagemeijer; Alexandre, 2010).

De acordo com Hagemeijer e Alexandre (2010), a Guiné-Bissau foi descoberta em 1446, e depois em 1588 foi fundada Cacheu, onde foi a primeira povoação dos portugueses, administrativamente dependente de Cabo-Verde, justamente com Casamansa, Senegal que também faz parte da colónia portuguesa da Guiné-Bissau até o ano 1886. Hagemeijer e Alexandre (2010), sustentam que durante séculos, o território foi ponto importante para o comércio de escravos, e, também as migrações internas e a geografia do país contribuíram para o multilinguismo que o país apresenta atualmente, com cerca de vinte línguas diferentes, ainda ressaltam que o convívio do crioulo da Guiné-Bissau com as línguas africanas faz com que este crioulo seja mais africano.

A primeira tentativa de povoamento da ilha de S. Tomé ocorreu em 1485, mas não teve o êxito almejado, pelo que o povoamento definitivo ficou adiado até 1493, com a chegada da frota do primeiro capitão-donatário, Álvaro de Caminha. A ilha do Príncipe foi doada em 1500, mas no testamento de Álvaro de Caminha, de 1499, há evidência para a presença anterior de homens que para lá tinham sido enviados de S. Tomé. O povoamento definitivo da ilha de Ano bom parece ter ocorrido entre 1543, quando a ilha estava deserta, segundo a documentação histórica de 1565. (Caldeira, 2006 *apud* Hagemeijer; Alexandre, 2010, p.4)

Existem duas fases distintas na ocupação de S. Tomé: a fase de habitação, que abarca o período do primeiro povoamento em 1485 até aos primórdios da introdução de cana-de-açúcar, por volta de 1515, e a fase de plantação, que marca o período de 1515 até ao fim do século XVI (Sousa, 1990 e Garfield, 1992 apud Hagemeyer e Alexandre, 2010). Como afirmam os autores Hagemeyer e Alexandre (2010), é bem visível em todos os domínios (léxico, fonologia, sintaxe, etc.) que o impacto tipológico de línguas do delta do Níger, enquanto classe africano primário na formação do pidgin do crioulo de Golfo da Guiné (PCGG). Eles ainda ressaltam que o Bantu ocidental nomeadamente do Kikongo e do Kimbundo, tem um papel que por outro lado está interessantemente relacionado com a fase de plantação e a chegada maciça de escravos Bantu em perda de escravos do delta do Níger, por isso alguns traços nos crioulos de Golfo da Guiné têm sido associados ao Bantu ocidental, nomeadamente ao nível do léxico e da fonologia, resultam em contatos secundários.

Os crioulos surgem em territórios reduzidos em que há uma presença maciça de pessoas vindas de diferentes lugares e falando línguas que não são inteligíveis. A necessidade de uso de uma língua por esses povos se torna forte o que faz com que surja uma língua de misturas que numa primeira fase é chamada de pidgin. Esse pidgin empresta a gramática das línguas desses povos e o léxico da língua dominante que pode ser português, francês ou inglês. O surgimento de falantes de pidgin como língua materna faz com que esta deixa de ser pidgin e passa a ser chamada como crioulo (Timbane; Manuel, 2018). A palavra “crioulo” é muito genérica. Ela se refere a todas as línguas naturais que surgem nestas condições aqui descritas, mas também serve para designar “indivíduo de raça negra nascido na América ou qualquer indivíduo de raça negra” (Borba, 2004, p. 360).

Até hoje, não há estudos exaustivos que concluem sobre o surgimento do crioulo na Guiné-Bissau. Há teóricos que defendem que o crioulo guineense provem de cabo verdiano de Sotavento levado pelos colonos idos do arquipélago e que com o tempo, se foi diversificando e adquirindo caracteres próprios sob a influência das línguas nativas (Silva, 1957 *apud* Couto, 1994). Os guineenses jamais admitiram essa hipótese do surgimento da língua guineense.

A língua guineense, desempenha um papel muito importante na cultura local do país. Segundo Timbane e Manuel (2018), o guineense, apesar de ter influências do português, é uma língua autônoma e com características próprias, que refletem a história e a diversidade linguística do país. Ainda destacam a importância do guineense como um elemento central da cultura guineense, sendo amplamente utilizado na comunicação oral e escrita, na produção literária e artística, e como um símbolo de identidade cultural para o povo guineense. Timbane e Manuel (2018), ressaltam ainda que a necessidade de valorizar e preservar o guineense como

uma parte integral da diversidade linguística e cultural do país, destacando a sua relevância na construção de identidade nacional forte e na promoção da inclusão e reconhecimento das diversas comunidades linguísticas presentes no território guineense.

Por isso, a língua guineense merece ser usado em todos os espaços, incluindo na educação. Somos de opinião que os dicionários e as gramáticas devem ser produzidos para que a língua guineense seja ensinada nas escolas, pelo menos em todo o ensino básico. A língua guineense é usada nas canções, na música, na literatura guineense, nos ritos de passagem e em todas as práticas do cotidiano e nos espaços formais e informais. A sua oficialização será útil porque vai revitalizá-la.

4 A GRAMÁTICA E O LÉXICO DE UMA LÍNGUA

Toda língua natural possui uma gramática, mesmo sendo uma língua ágrafa. Existe a gramática virtual (imprensa em livros) e a concreta (inscrita na mente da comunidade de fala), quer dizer, aquela que realmente ocorre na fala da comunidade. Pessoas analfabetas, sem nenhuma escolarização são capazes de falar uma língua usando as formas disponíveis, mas essas pessoas não terão a gramática virtual, pois ela é aprendida na escola. De acordo com Cavaliere (2022, p. 466) “a gramática serve ao aluno e ao professor ordinário, no sentido de ser um profissional que se dedica unicamente ao mister didático-pedagógico”.

A gramática é conjunto de regras que regulam o funcionamento ou a estrutura do idioma e ela é fundamental pois permite a compreensão entre os falantes. Sem gramática é impossível haver a intercompreensão (Moura Neves, 2010). Entendamos a gramática como o coração de uma língua, porque é ela que estabelece princípios e regras que permitem a comunicação entre os membros. Para um cidadão que nasceu e cresceu num determinado território é importante que aprenda o uso da língua sem apelar as terminologias acadêmico-científicos. É tarefa da escola ensinar a gramática (Possenti, 1996). Possenti (1996), Moura Neves (2010) defendem que é tarefa da escola ensinar a gramática virtual na escola, pois é ela que dará oportunidades socioeconômicos e culturais do falante. Ensina-se a gramática na escola para que o aluno aprenda a variedade que lhe permitirá o acesso às oportunidades.

De acordo com Bechara (2009, p.162), o pronome “é a classe de palavras categorigramáticas que reúne unidades em número limitado e que refere a um significado léxico pela situação ou por outras palavras do contexto”. Os pronomes podem ser pessoais, possessivos, demonstrativos, indefinidos, interrogativos e relativos. Para esta pesquisa focamos

no pronome pessoal (singular e plural) analisando a sua relação com o verbo. Os pronomes desempenham na oração as funções equivalentes às exercidas pelos elementos nominais. Os pronomes pessoais, de acordo com Cunha e Cintra (2008, p.290) caracterizam-se “por denotarem as três pessoas gramaticais, isto é, por terem a capacidade de indicar no colóquio”. Por exemplo: quem fala= 1ª pessoa: eu (singular) e nós (plural).

Os pronomes pessoais na língua guineense são:

Ami n` — eu

Abó bu — tu/você

El i — ele/ela

Anos nô — nós

Abós bô — vocês

Elis e — eles/elas

Os pronomes concordam com os verbos, como se pode ver nos exemplos a seguir:

Quadro 1 - Exemplo da conjugação “eu vejo” e “nós vemos” em diversas línguas africanas

Língua	1ª pessoa singular (eu)	1ª pessoa de plural (nós)
Xichangana (Moçambique)	Mine navona (eu vejo)	Hine havona (nós vemos)
Balanta (Guiné-Bissau)	N`bigna (eu vejo)	Bi bigna
Umbumdu (Angola)	Eme ngimona (eu vejo)	Etu tumona (nós vemos)
Kabuverdianu (Cabo Verde)	N`ta odja (eu vejo)	Nu taodja (nós vemos)
Kimbundu (Angola)	Eme ngimona (eu vejo)	Etu tutomona (nós vemos)
Lung ie (São Tomé e Príncipe)	um sapy (eu vejo)	No sapy (nós vemos)
Forro (São Tomé e Príncipe)	Um xkapy (eu vejo)	No xkapy (nós vemos)
Makhuwa (Moçambique)	Miyo kinoona (eu vejo)	Hiyo ninooma (nós vemos)
Cokwe (Angola)	nguna tale (eu vejo)	Cfuna litale (nós vemos)
Pepel (Guiné Bissau)	N`dó ini (eu vejo)	Ndji ini (nós vemos)
Mandjaco (Guiné-Bissau)	N`dji mawín (eu vejo)	Hund awín (nós vemos)
Makasae (Timor Leste)	Ani ena (eu vejo)	Ini ene (nós vemos)
Bijagó (Guiné-Bissau)	Ennhô nhedjê (eu vejo)	Anté tedjê (nós vemos)

Fonte: Dados da pesquisa

Como se pode observar nos exemplos apresentados, nas diversas línguas africanas o pronome vai acompanhado de uma partícula importante na forma verbal. Uma vez que os verbos não flexionam e eles guardam a palavra original, a partícula acompanhante produz efeito desejável nos tempos.

Já o léxico, segundo Biderman (1996) tem um papel na arquitetura e no funcionamento da língua. Biderman segue argumentando ainda que, nas últimas décadas os problemas relativamente ao grande relevância do léxico, não tem muita atenção pelos linguistas.

Nas últimas décadas, os linguistas não têm dado muita atenção a problemas de grande relevância relativos ao léxico. Contudo, o vocabulário exerce um papel crucial na veiculação do significado, que é, afinal de contas, o objeto da comunicação linguística. A informação veiculada pela mensagem faz-se, sobretudo, por meio do léxico, das palavras lexicais que integram os enunciados. (Biderman, 1996, p. 27).

Ainda Biderman (1996), discute sobre a referência à realidade extralinguística nos discursos humanos que se faz pelos signos linguísticos ou também pelas unidades lexicais. O autor ressalta ainda que, o léxico é o lugar da estocagem do significado e do conteúdo significante da linguagem humana. Por outro lado o léxico está associado ao conhecimento, e o processo de nomeação em qualquer língua resulta de uma operação perceptiva e cognitiva, diz o Biderman (1996).

Pouca pesquisa tem sido feita sobre essa complexa matéria. Pouco sabemos sobre como o léxico é aprendido e como é estocado na memória. Esta última questão, porém, tem merecido a atenção de psicólogos que se preocupam com o problema da memória. Sob um determinado prisma, o léxico pode ser considerado um problema da memória. As entradas lexicais são, de fato, entradas da memória. (Biderman, 1996, p. 28).

O léxico refere-se ao conjunto de todas as palavras de uma língua, incluindo suas definições, formas e relações. O léxico é um sistema mais amplo que abrange não apenas as palavras individuais, mas também as expressões idiomáticas e as regras que governam a formação de palavras (como morfologia). Estudos de Freitas e Bandeira (2016) e de Pratas (2013) reconhecem a complexidade do sistema pronominal do kabuverdianu (variante de Santiago). O recorte que fizemos com a primeira pessoa gramatical tinha como objetivo, observar o fenômeno de forma mais centralizada.

Quadro 2 - Expressões pronominais

	Clítico de sujeito	Pronome forte / fraco	Pronome forte/ pronome fraco + clítico sujeito
1ª sing.	N kanta (Eu cantei)	Ami / Mi kanta	Ami / Mi, N kanta
2ª sing. (informal)	Bu kanta (Tu cantaste)	Abo / Bo kanta	Abo/ Bo, bu kanta
2ª sing. (formal, masc)	Nhu kanta (O senhor cantou)	Anhu kanta	Anhu, nhu kanta
2ª sing. (formal, fem.)	Nha kanta (A senhora cantou)	Anha kanta	Anha, nha kanta
3ª sing. (fem. e masc.)	E kanta (Ele ou Ela cantou)	Ael / El kanta	Ael / El, e kanta
1ª pl.	Nu kanta (Nós cantámos)	Anos/ Nos kanta	Anos/ Nos, nu kanta
2ª pl.	Nhos kanta (Vós cantastes)	Anhos kanta	Anhos, nhos kanta
3ª pl.	Es kanta (Eles ou Elas cantam)	Aes kanta	Aes, es kanta

Fonte: Prates (2013, p. 43).

Realmente, o sistema pronominal nos crioulos possui formas fortes, formas fracas e clíticos. De referir que os crioulos não funcionam da mesma forma. Entre os crioulos tem especificidades. Por exemplo, no crioulo haitiano o pronome da primeira pessoa “m” é recorrente (exemplo: m pale=eu falo) ou “nou” (exemplo: nou pale=nos falamos). Os de base

francesa já não são assim como os de base portuguesa. Cabe-se nos observar que cada língua precisa de ser descrita na sua plenitude e sem comparação com outras mesmo que tenham a origem comum.

5 INTERFERÊNCIA LEXICAL

O léxico, sendo a face mais evidente da língua, evidencia-se demais e é meio de identificação da origem do falante. As escolhas lexicais denunciam a origem do falante, o grau do respeito, inclusive o grupo social a que pertence. A variação linguística revela a diversidade sociocultural dos falantes de uma língua natural que muda de acordo com região, com o grupo social ou com tempo. A língua guineense, que é objeto da presente pesquisa, também varia e muda. Ela ocorre em nível do léxico, da fonologia e fonética, da sintaxe, da semântica e da pragmática, assim como no uso de expressões, refletindo nas características culturais, sociais e também geográfico de cada grupo, o que é muito fundamental as variações linguísticas para podemos entender como diversidade linguística, assim como a sua evolução ao longo do tempo.

Segundo Cá e Timbane (2021), os professores esforçam-se tanto para pronunciar tal como em Portugal, ensinando com base na gramática elaborada por portugueses. Essa atitude de priorizar uma só variedade é negativa, pois não existe uma variedade superior a outra. Os professores deveriam ensinar uma variedade local, sem precisar de “imitar” sotaques lisboetas ou madeirenses. Essa tentativa tem resultado em reprovações em massa, redução da autoestima dos aprendentes de português, para além fomentar o preconceito linguístico discutido com pormenor por Namone (2020).

Desta forma, a Sociolinguística mostra que a língua varia e muda impulsionado pelas variáveis sociais e linguísticas, o que nos leva a crer que os guineenses falam como guineenses e não como portugueses. A tentativa de ensinar a variedade europeia do português desconsidera a variedade local que se manifesta no cotidiano. Por exemplo, em nível do léxico, uma palavra como “autocarro” é conhecida pelos guineenses como “toca-toca”. (Cá; Timbane, 2021, p. 131, grifos dos autores).

De acordo com a Lehmann (2016), o bilinguismo no seu sentido geral, é caracterizada pelo domínio de duas pelo mesmo indivíduo. Os guineenses vivem um contexto de multilinguismo, mas de forma geral, mas o bilinguismo é o mais comum. Trata-se do uso do guineense (crioulo) + uma língua étnica ou português. Hamers e Blanc (2000) salientam que

além do nível de proficiência da língua, as dimensões linguísticas são consideradas para o estudo do bilinguismo.

Para Grosjean (1994), o conceito “bilinguismo” está ligado ao uso de duas ou línguas mais ou dialetos pelos indivíduos. Para o autor são levados em conta que utilizam com fluência das duas línguas distintas (tradutores, interpretes, professores de línguas estrangeiras também, etc.) ele também tentou explicar que os emigrantes que falam mesmo com dificuldade a língua do país onde reside, são considerados bilíngues. Dessa forma, o indivíduo bilíngue não é só a soma de monolíngues, segundo o Grosjean, visto que ele utiliza diferentes línguas conforme as suas limitações e de acordo com a necessidade e do ambiente onde a pessoa reside.

Lehmann (2017) salienta que muitos bilíngues afirmam que não são, porque afirmam não terem dominado a forma gramatical da segunda língua (L2). Sabemos que o sujeito bilíngue é uma pessoa que é fluente em duas línguas. Essa fluência pode variar de uso cotidiano até o uso acadêmico e profissional. Esses indivíduos muitas vezes são desenvolvem uma identidade única, influenciadas pelas línguas que falam e também pelas culturas associadas a elas. A autora ainda mostra nos que na concepção popular, bilíngue é sujeito que fala perfeitamente duas ou mais línguas com total domínio das regras gramaticais.

6 METODOLOGIA E RESULTADOS

A metodologia que usamos para a análise gramatical da primeira pessoa do singular e do plural na língua guineense através das canções de estilo gumbé, rap e tina de Bissau, no período de 2020-2024, é do tipo qualitativa, desenvolvida por meio da seleção aleatória de canções de estilo gumbé, rap e tina de Bissau, lançadas no período de 2020-2024. Escolhemos as músicas representativas que contem letras claras e com conteúdo rico em exemplos da primeira pessoa do singular e do plural, depois fizemos a transcrições das letras das canções selecionadas e organizadas em um banco de dados, separando as frases que contenham a primeira pessoa do singular e do plural.

Em seguida, realizamos uma análise detalhada das frases contendo a primeira pessoa do singular e do plural, levando em consideração aspectos gramaticais como concordância, conjugação verbal, entre outros, identificamos os padrões mais comuns de uso dessas formas verbais e pronominais na língua guineense.

Comparamos também as características gramaticais em outras línguas: xichangana, balanta, umbundo, kabuverdianu, kimbundu, lungie, foro, makhua, cokwe, pepel, mandjaco,

makasae e bijagó observando possíveis diferenças na forma como a primeira pessoa do singular e do plural são utilizadas em cada estilo musical. Por fim, apresentamos as principais conclusões da análise, destacando os padrões gramaticais identificados e possíveis contribuições para o estudo da língua guineense.

Para realizar a análise das músicas selecionadas dos estilos gumbé, rap e tina no período de 2020-2024, primeiramente, fazemos coleta das músicas lançadas no período de 2020-2024 nos estilos gumbé, rap e tina, que é necessário, também foi muito importante a seleção das músicas que apresentem a primeira pessoa do singular e do plural.

Para além das transcrições, pedimos os pesquisadores falantes destas línguas para analisarem as marcas da primeira pessoa do singular e do plural nas canções: informante 1 é o falante da língua makasae, informantes 2 e 3 são falantes da língua guineense, informante 4 é falante da língua portuguesa, informante 5 falantes da língua balanta, informante 6 falantes da língua pepel, informante 7 falantes da língua mandjaco e informante 8 falantes da língua bijagó.

O sistema pronominal do guineense caracteriza-se pela existência de duas séries de pronomes pessoais: uma forma obrigatória e uma forma não obrigatória. A forma não obrigatória apresenta menor frequência de ocorrência e possui valor discursivo marcado, sendo utilizada principalmente para enfatizar, focalizar ou reforçar a identidade do participante do discurso (Ami). Já a formar obrigatória é a mais recorrente e desempenha uma função sintática muito fundamental, constituindo um elemento indispensável na estrutura da oração, nesse caso o (N`).

Quando as duas formas são realizadas simultaneamente, observa-se uma ordem fixa, em que o pronome não obrigatório precede o pronome obrigatório. Esse comportamento revela uma estratégia de reforço referencial: a forma marcada introduz ou destaca o referente, enquanto a forma obrigatória assegura a sua integração sintática na oração.

Os exemplos a seguir ilustram esse fenômeno:

Ex 1: Ki pui carne quê ta laba é cunha é cumé, i kil k **ami n`**iassa tomal (música 2 de rap)

Ex 2: Bu famílias ka na seta kuma **ami n'** ta bibi kana (música 1 de rap)

Ex 3: Tudo son k **ami n'** lança guintis ta contente i ta bida it na rap (música 3 de rap)

Ex 4: **Ami n'**dadu dja manga di nomes medunhu na rua n'tchulido mau dedo (música 4 de rap)

Ex 5: Juro **ami n'**kirci na sutura, ami i ki raper k estado na procura (música 4 de rap).

Assim, as construções que apresentam simultaneamente as duas formas seguem sistematicamente a sequência pronome não obrigatório + o pronome obrigatório, evidenciando a precedência da forma enfática em relação à forma sintaticamente obrigatório (Kihm, 1994).

Numa expressão crioula como “ami n`kata fuma” (Eu não fumo) ou seja essa frase tem a forma tónica que ocorrerem sozinha e outra forma que só vem junto com o verbo que funciona como um tipo de flexão no verbo. Quando estiver isolado a forma tónica “ami” não obrigatória, mas na forma átona o “n`” é obrigatória.

É essa forma átona que fica junto com o verbo, ela está em todas as pessoas como mostra no exemplo acima, quanto a primeira pessoa do plural é a mesma coisa. Exemplos da forma átona

Ex 1: N' na muvi seu ku tera pa n' teneu, nin si un sumana (música 1 de rap)

Ex 2: Nha familia konsidjan pa n' ka kai na muçulmana (música 1 de rap)

Ex 3: N' misti bai ku bo, pabia bo ku n' kudji (Música 1 de rap)

Ex 4: N'padidu n`odja é na guerra pa rabata terra (música 2 de rap)

Ex 5: Na futuro n'cumpra nha pinta decorra nha show (música 2 de rap)

A seleção das canções para realizar as análises da primeira pessoa do singular e plural na língua guineense, justifica-se pela necessidade de compreender como os pronomes pessoais atuam, particularmente na marca “ami” e o “n`”, “anôs” e “nô”, e os prefixos nominais e verbais associados, sofrem variações morfológicas e sociolinguísticas nas diferentes expressões linguísticas.

A escolha dos estilos musicais tem a haver com a representatividade cultural e linguística, gumbé é um gênero musical do país que é considerado a música da unidade nacional, unindo a grande parte das etnias guineense, já o rap na Guiné-Bissau é como um ritmo da interversão social e uma forma de resistência, é muito fundamental nesta análise, para poder analisar a variação linguística em Bissau, apreciando a língua guineense pela juventude e as marcas como “Ami” para enfatizar e “Anôs” para incluir a coletividade. Enquanto que a tina é um estilo musical tradicional muito associado as vivencias da comunidade, selecionar este estilo musical tradicional permite verificar a gramática tradicional e também permitir a preservação da oralidade na base das línguas africanas e linguísticas do país.

A primeira pessoa do singular é geralmente representada pelo pronome “Ami” ou também pelo pronome “N`”, em contextos do guineense, ambas as formas são amplamente utilizadas nas letras das canções em análises, refletindo a identidade e o ponto de vista dos cantores, “Ami” é utilizada mais para expressar ou reforçar a voz individual do falante,

mostrando suas emoções, opiniões e experiências pessoais, enquanto que o pronome “N`” é uma forma reduzida em contextos informais, oferecendo uma sonoridade mais fluida na letras das músicas.

Por outro lado, a primeira pessoa do plural apresenta ainda mais diversidade, os pronomes “Nô”, refere-se a um grupo que inclui também o falante, é frequentemente usado para criar um sentido de coletividade e comunidade nas letras de músicas, enquanto que “Anôs” pode surgir em contextos mais formais ou poéticos, intensificando a inclusão no grupo.

Nas músicas do estilo gumbé, o “Nô” é frequentemente usado para fortalecer a coletividade, já no rap, pode-se explorar tanto a individualidade “Ami” ou “N`” quanto a coletividade, “Nô” ou “Anôs”, permite uma diferença entre a experiência pessoal e as questões sociais que envolvem o grupo. Enquanto que na tina, as canções costumam ser mais emocionais e pode ser usada “Ami” para transmitir sentimentos profundos daquilo que significa ser parte de uma cultura. No geral, esta análise gramatical da primeira pessoa do singular e do plural nas canções dos estilos gumbé, rap e tina, revela uma complexidade da língua e da cultura no país, através das canções, os artistas demonstram como essas formas linguísticas são essenciais para transmitir emoções, contar histórias e expressar identidade.

7 CONCLUSÃO

Concluimos que a análise gramatical da primeira pessoa do singular e do plural na língua guineense, especialmente no contexto das canções dos estilos gumbé, rap e tina de Bissau entre 2020 a 2024, não revela só apenas as tonalidades linguísticas presentes nas canções analisadas, mas também o pertencimento dos artistas e seus públicos. A utilização dessas marcas pronominais reproduz aspecto de individualidade e coletividade, permitindo um diálogo entre experiências pessoais e coletivas.

As canções analisadas demonstram como a primeira pessoa do singular expressa vivências individuais, emoções, e perspectivas, enquanto que a primeira pessoa do plural tende a criar um sentido de unidade e pertencimento, enfatizando a coletividade, essas variedades lexical observadas nas letras das canções tornam-se uma janela para compreender as influências que penetram a sociedade guineense. Além disso, essa análise evidencia o papel da música como um veículo de resistência e de afirmação cultural, ao mesmo tempo em que questiona e problematiza a realidade do guineense. O período em foco, é marcado por desafios e

transformações, servem como base para que os artistas expressem suas vozes, utilizando a gramática da língua de uma maneira criativa e impactante.

A pesquisa mostra como estudar as marcas da primeira pessoa do singular e do plural na língua guineense, fazendo transcrições as canções do estilo tina, gumbé e rap selecionadas aleatoriamente, identificando a presença das marcas da 1ª pessoa, explicando como elas funcionam na língua descrevendo e dando exemplos, explicando os traços da primeira pessoa do singular plural nesta língua guineense. Em suma, a pesquisa sobre a gramática da primeira pessoa nas canções guineense dos estilos analisados não só contribuirá para o entendimento linguístico, mas também para a apreciação mais profunda das dinâmicas sociais e culturais em Bissau, destacando as canções como uma forma de expressar a identidade cultural guineense.

REFERÊNCIAS

BECHARA, Evanildo. **Moderna gramática portuguesa**. 17ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

BIDERMAN, Maria Teresa Camargo. Lexicon and basic vocabulary. **Alia**, São Paulo, v.40, p.27-46, 1996.

BORBA, Francisco S. (Org.). **Dicionário UNESP do português contemporâneo**. Araraquara-SP: Ed. UNESP, 2004.

CÁ, Segunda; TIMBANE, Alexandre António. A variação léxico-semântica e o ensino do português guineense. **RILP - Revista Internacional em Língua Portuguesa**, nº 39, 2021.

CAMARA Júnior, Joaquim Mattoso. **Estrutura da língua portuguesa**. 46. Ed. Petrópolis, RJ: vozes, 2014.

CAVALIERE, Ricardo. **História da gramática no Brasil: séculos XVI-XIX**, Petrópolis, RJ: Vozes, 2022.

COUTO, Hildo Honório do. **O crioulo português da Guiné-Bissau**. Hamburg: Buske, 1994.

EMBALÓ, Filomena. Literatura, língua e cultura na Guiné-Bissau. **Revista Papia**, vol.20, 2010, p.28. Um dos países da CPLP.

COUTO, Hildo Honório. **Ecolinguística**. Brasília: Thesaurus, 2007.

COUTO, Hildo Honório; Embaló, Filomena. Literatura, Língua e Cultura na Guiné-Bissau: um país de CPLP. **Revista Papia**. Ed. Thesaurus, nº 20, 2010.

CUNHA, Celso; CINTRA, Lindley. **Nova gramática do português contemporâneo**. 5.ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2008.

EMBALÓ, Filomena. Crioulo da Guiné-Bissau: Língua nacional e fator da identidade nacional. **Revista Papia**, vol.18, 2008, p.101-107.

EMBALÓ, Filomena. Literatura, língua e cultura na Guiné-Bissau. **Revista Papia**. vol.20, 2010, p.28.

FREITAS, Shirley; BANDEIRA, Manuele. Análise morfológica dos crioulos do Golfo da Guiné e do kabuverdianu. **Estudos Linguísticos**, São Paulo, 45 (1): p. 242-256, 2016.

GROSJEAN, François. Individual Biligualism. In: **The Encyclopedia of Language and Linguistics**. Oxford: Pergamon Press, 1994.

HAMEIJER, Tierk. Alexandre, Nélia. 2010. “Predicados complexos em Crioulo de Cabo Verde”, **6º Encontro da Associação Brasileira de Estudos Crioulos e Similares**, Março, 24-26, Salvador: UFBA.

HAMERS, Josiane F.; BLANC, Michel A. **Bilinguality and Bilingualism**. 2nd, Cambridge: CUP, 2009.

KIHM, Alain. **Kryol Syntax: The portuguese-based Creole Language of Guinea-Bissau**. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company, 1994.

LEHMANN, Bianca Alves. Bilinguismo e Identidade: Uma dupla construção. **Cadernos de Letras da UFF Dossiê: Línguas e culturas em contato** nº 53, v. 26, n. 53, 2017.

NEVES MOURA, Maria Helena. **Texto e gramática**. São Paulo: Contexto, 2010.

PRATAS, Fernanda. **O sistema pronominal do Caboverdiano**. 2013.136f. Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa., Lisboa, 2013.

TIMBANE, Alexandre António. MANUEL, Cátia. O crioulo da Guiné-Bissau é uma língua da base portuguesa? Embate sobre os conceitos. **Revista de Letras JUÇARA**, Caxias – Maranhão, vol. 02, n. 02, p. 107 – 126, dez. 2018.

TIMBANE, Alexandre António. Política linguística na África lusófona e a revitalização das línguas autóctones: 40 anos após as independências. In: SILVA, Alessandro Rezende da. ARAÚJO, Gilberto Paulino (Org.). **As novas rotas da globalização: debates e mudanças em pauta**. Curitiba: CRV, 2019. p.57-78.

APÊNDICE - Ocorrências

1ª pessoa singular	1ª plural
Nha familia konsidjan pa n' ka kai na muçulmana (música 1 de rap)	No na kontinua ama, ma kila ka na tudji (música 1 de rap)
N' na muvi seu ku tera pa n' teneu, nin si un sumana (música 1 de rap)	Li nô tem k findi (música 2 de rap)
Bu famílias ka na seta kuma ami n' ta bibi kana (música 1 de rap)	No bai no bim no riba Bissau no conta bardadi (música 3 de rap)
Kuma so pa ami n' tubi (música 1 de rap)	Tarbadju duru k pui aós no na fassi Money (música 3 de rap)
N' kontal tenpu di seku tanbe txuba ka ta txubi (música 1 de rap)	Nô na vivi vida difícil pabia vida sirbino bianda sim mudjo (música 5 de rap)
N' ka tene kasa nin dubi (música 1 de rap)	É fala tarbadju k pecadur mamã nô na cumé di nha calur (música 5 de rap)
N' rabida n' murxa tip suma fodja di kubi (música 1 de rap)	Nô na para pidi fabur, kilis k nega na da balur (música 5 de rap)
Yompin malentchu n'dji ma n' ghalu, o, ee (música 1 de rap, língua manjaca)	Na continua tarbadja pa elsa nô cultura (música 1 de gumbé)
Pa bo n' na fasi tudu, n' na da nha vida, n' fika ku bo (música 1 de rap)	Guine i terra riku, no tene tudu (música 2 de gumbé)
Ami nha maior medu i tene medu dun dia pirdiu (música 1 de rap)	Guine i terra ku no djunta pa no kume na un kabas (música 2 de gumbé)
Es i nha dizeju, i ka pur akazu ku pui n' kaba djiu (música 1 de rap)	No fala nau, nau, nau (música 2 de gumbé)
N' tene medu di un dia e bin n' gulin (música 1 de rap)	Manga di no famílias fika na mar (música 2 de gumbé)
N' misti bai ku bo, pabia bo ku n' kudji (Música 1 de rap)	Manga di no ermons fika la tambe (música 2 de gumbé)
N' padidu n' odja é na guerra pa rabata terra (música 2 de rap)	No pudi kuri kuri kuri
Pa tanto sé dano na investe n' repara terra (música 2 de rap)	Guine Bissau terra riku purkuantu i ta motivan ku no kultura (música 2 de gumbé)
N' obi badja dicas di quin ki repara terra (música 2 de rap)	Ka nô migra ilegal! (música 2 de gumbé)
N' tené fortes na nha lado pa da é melados canela (música 2 de rap)	Guine i terra riku pa nô vivi nel (música 2 de gumbé)

Niggas ta pidi carinho má n'tira elis bibiron (música 2 de rap)	Guine tene rea pisadu, no tene petroliu (música 2 de gumbé)
Randja guerra invés di lite u sangue ki n'na bibirom (música 2 de rap)	Guine tene rochedu, no tene bandera (música 2 de gumbé)
Kô puntan si n'pudi canta si conta si contra n'padidu galo (música 2 de rap)	No tene pis pa piska (música 2 de gumbé)
Antes di n'fassi chagada na parada n'fassi ameaça (música 2 de rap)	Balako subrinho di nó tendo cá oooo (música 3 de gumbé)
Ki pui carne quê ta laba é cunha é cumé, i kil k ami n'iassa tomal (música 2 de rap)	No na bai (música 3 de gumbé)
Polon garandi k n'finka, n'kaba n'bota raíz (música 2 de rap)	Nó amizade ika di aós oh (música 4 de gumbé)
Mecinho quê bibi pa rep caba n'bota raíz (música 2 de rap)	No na bai nan té bidjimi (música 4 de gumbé)
Ami i dunu dé problema k pui na assume rancor (música 2 de rap)	Kuma ika na liga pa nó cussas na squema (música 5 de gumbé)
n'gutro rabo tok rabo findi (música 2 de rap)	Odius pake? Anos i kil un son, son
Na futuro n'cumpra nha pinta decorra nha show (música 2 de rap)	Anos tudu i di Guine (música 1 de tina)
Polon garandi k n'finka, n'kaba n'bota raíz (música 2 de rap)	Di rasas no djunta ba un kabas (música 1 de tina)
Mecinho quê bibi pa rep caba n'bota raíz (música 2 de rap)	Alegria ku ten ba na Guine, no ten ke pega (música 1 de tina)
N'ka na busca na mundo keku n'tené, na busca dinheiro papia n'ka tené (música 3 de rap)	Di rasas no djunta ba un kabas (música 1 de tina)
Alma bedju, ami i alma bedju, ika arrogância ma ami i mindjor d ki é nigga disna (música 3 de rap)	Alegria ku ten ba na Guine, no ten ke pega (música 1 de tina)
Alma bedju, ami alma bedju, ami i alma bedju nha nomi scribi badja disna (música 3 de rap)	Amizadi ku ten ba na Guine (no ten ku pega) (música 1 de tina)
N'fassi pacto k nha cabeça, na muri dia k n'furta letra (música 3 de rap)	Armonia, o, ku ten ba na Guine (no ten ku pega) (música 1 de tina)
N'rucudji rep k n'bruta de mecha, niggas na rucudji casa de murru (música 3 de rap)	Ermondadi ku ten ba na Guine (no ten ku pega) (música 1 de tina)

N'grita na meio de sete monstros, surdos k mudos obim (música 3 de rap)	Anos tudu i di Guine (música 1 de tina)
Ma ami k lambé dé barraca dedi tempo de pudi di gã câmara (música 3 de rap)	
Si manda boca n'kana pera amanhã djoni djoni na kilau dé (música 3 de rap)	
Tudo son k ami n' lança guintis ta contente i ta bida it na rap (música 3 de rap)	
Ami ika colega di nha colega, nha mandjua na rep i guinti garandi (música 3 de rap)	
N'odja niggas k ka pudi nada ma tudo misti tené nome garandi (música 3 de rap)	
Oh ma nigga nha nomi ika Sambala Kanuté, ma ami i lifanti garandi (música 3 de rap)	
Tipo cólera, n' kata tolera, ami ika colega dinha colega (música 3 de rap)	
Caminho traçado pa omi garandi n' kana medi entra na sala ku mandji (música 3 de rap)	
N' findi guerreiros cadera na ringui, é ka pudi é punta kuma k mau sim (música 3 de rap)	
N' ka nterresa dé nigga n' tené boina militar (música 3 de rap)	
N' tené bandé, zona 7, bairro militar (música 3 de rap)	
N' padidu pa brilha assim k nha dona falam (música 3 de rap)	
Ma n' tené fama aós na Bissau até na darsalam (música 3 de rap)	
Ora k n' misti disiste é fala mamba n' pini (música 3 de rap, cor verde língua bijagó)	
Sacrifício pa sucesso n'passal k Kadenny (música 3 de rap)	
Né mundo n'odja bíblia, n'odja tam alcorão (música 4 de rap)	
N'odja homis na bai igreja, n'odja utrus na bai irã (música 4 de rap)	
N'aprendi cuma conta mintida ku pecado kila i aram (música 4 de rap)	
N'ta dati ba n' misti disiste né caminho ma sempre nha mamé ta falam (música 4 de rap)	
Ami n'dadu dja manga di nomes medunhu na rua n'tchulido mau dedo (música 4 de rap)	

N'tchomado de falso, muntrus, atrevido, di kussas nunca n'ka sedu (música 4 de rap)	
N'faladu pa n'toma cuidado pabia na buscado pa chefes de estado (música 4 de rap)	
Juro ami n'kirci na sutura, ami i ki raper k estado na procura (música 4 de rap)	
Na murri pa é terra ami n'jura, militar kata medi tortura (música 4 de rap)	
N'kata parci na udju di guintis ika kuma n'ka misti, ami n'kunsi nha espaço (música 4 de rap)	
N'ka tem grana pa n'cumpra terreno, ma dia k n'murri N'tula n'tené espaço (música 4 de rap)	
N'ka tem como n'ka reconheciu, si aós n'sta firmi nha cota k n'tatua (música 4 de rap)	
Ami n'tené pacto k nha tropas dia k n'murri é finka nha estatua (música 4 de rap)	
Casabi k n'passa nés aós kila k nha motivação (música 5 de rap)	
Ami lagua k n'tené ika fonti fonte de inspiração (música 5 de rap)	
N'ka na bati boca k nim um puto k sta k falta de educação (música 5 de rap)	
Ma n'fala mamã kabu tchora bu fidju um dia na sedu milionário (música 5 de rap)	
Cada bias k indimigos na burri n'sibi nindó sta la riba ina muringa (música 5 de rap)	
Ma n'sibi kuma dia perto dja nha vida kila tem k muda (música 5 de rap)	
N'ta obi vozes na nha cabeça ami i anjo k kirci na meio di diabos (música 5 de rap)	
N'ta da cangaluta pa realiza nha sunhu, n'amado pa certos i pa certos n'odiado (música 5 de rap)	
N'passa noite sim durmi na scrivi pa tira velha na casa di renda (música 5 de rap)	
Ami i suma cabaz na iagu su n'borcam u rabidam kana tudjim boia	
Pa odja si fidju sercado na casa k n'bruta di barriga (música 5 de rap)	
Mamã nunca n'kana disquici cumprau k casa garandi na margem (música 5 de rap)	
Vida dan pancada pa n'kala, ma sibu sibi sibi u tem tam k sibi cai (música 5 de rap)	

Ma nʼfalal mamã kabu tchora bu fidju madju na sara bu ferida (música 5 de rap)	
Cada bias k indimigos na burri nʼsibi nindó sta la riba ina muringa (música 5 de rap)	
Ma nʼsibi kuma dia perto dja nha vida kila tem k muda (música 5 de rap)	
Nha irmã na cama de hospital nʼka sibi até cal dia k si órgãos na pudi resiste (música 5 de rap)	
Renda até gossi ika pagado, murri panha família cumé juro ami nʼka nega (música 5 de rap)	
Kuma ku misti pa nʼkala si nha boca tené bocas pa sustenta (música 5 de rap)	
Kuma ku misti pa nʼkala si nhermon kaba liceu universidade ika entra (música 5 de rap)	
Na tempo nunca nʼkana fica nʼprifiri nʼmurri tras di nha sunho (música 5 de rap)	
N`dessam, Vida dan pancada pa nʼkala, ma sibu sibi sibi u tem tam k sibi cai (música 5 de rap)	
Nbaram na segna nbombom, nʼde Abydex (música 1 de gumbé, língua balanta)	
Na murri, nʼsibi nʼkana fica nés mundo, ma si nʼna bai na bai ku dimi (música 1 de gumbé)	
Nʼpassa tchiu sacrificios si nʼna tchomado aós inha esforço (música 1 de gumbé)	
Nʼhumiliado, nʼtchora tchiu, pa nʼfica pé na tchom nʼenda tchiu caminhos (música 1 de gumbé)	
Tempacessa bô sufri dja pa mi, é fama ku nʼtené ika mi i Deus (música 1 de gumbé)	
Ni ika murro ku djambacus ku dan el, desde otcham piquinino sim k ami nʼlanta (música 1 de gumbé)	
Tudo ki ami nʼpega nʼta pui seredadi oh, eh (música 1 de gumbé)	
Ma si bô matan kê k bô na ganha, si nʼpara canta kê ki bô na ganha (música 1 de gumbé)	
Si nʼpara tarbadja kê ki bô na ganha, si nʼdita nʼmurri kê ki bô na ganha (música 1 de gumbé)	
Si nʼdita nʼduenci kê ki bo na ganha, nʼbida nʼmedi, nʼbida nʼmedi (música 1 de gumbé)	
Na guiné ku nʼpadidu ami nʼmedi vivi li (música 1 de gumbé)	
Nin si na ianda ami nʼta medi (música 1 de gumbé)	

Nin si na laba uoi ami n' ta medi (música 1 de gumbé)	
Si n' bai pa durmi ami n' ta panta (música 1 de gumbé)	
Nin si n' na cumé ami n' ta discunfia (música 1 de gumbé)	
I só na guiné k ami n' odja és (música 1 de gumbé)	
Kin ku kana apoian pé dissan n' luta (música 1 de gumbé)	
Kin ku kana apoian pé dissan n' luta (música 1 de gumbé)	
Bô dikan n' luta, nha mamé precisa dimi (música 1 de gumbé)	
Nha mons nin n' kana mitil na barriga (música 1 de gumbé)	
Si ami fasi susesu li (música 2 de gumbé)	
I kontra n' fasi susesu li (música 2 de gumbé)	
N' curri ba roga na balako (música 3 de gumbé)	
Si contra n' ka tené ba balako (música 3 de gumbé)	
Kuma k na fassi n' na sirmonia di toca tchur (música 3 de gumbé)	
Ma suma n' fassi manga di tempo na terra branco (música 3 de gumbé)	
N' bai djubi família la na kassa garrandi (música 3 de gumbé)	
Nha guintis negan, ma ami dja n' kana muri solitário (música 3 de gumbé)	
Mininus ku n' dissa ba piquinino (música 3 de gumbé)	
Ndinho ku n' dissa ba rapazinho (música 3 de gumbé)	
Nha guintis negan, ma mi dja n' kana muri solitário (música 3 de gumbé)	
Pa n' fika suma lan na bentu (música 4 de gumbé)	
Kilis ku misti pa n' iari iari (música 4 de gumbé)	
N' pisca um badjuda bonita i sta ba son na ronca Maio (música 5 de gumbé)	
N' pisca um badjuda bonito i sta ba son na roca curpo (música 5 de gumbé)	
Minina pega nha trás, n' falal minina n' tem dja dunu (música 5 de gumbé)	
Hmmm n' godan el u tissi pali (música 5 de gumbé)	
Tio n' godan el u tissil pali (música 5 de gumbé)	
Hmmm n' godan el u tissi pali (música de 5 gumbé)	
Ami i fidju di Guine suma bo (i kila de) (música 1 de tina)	
Ami i fidju di tera suma bo (música 1 de tina)	
Ka bu fala kuma ami pepel, mandjaku, balanta, Fulup (música 1 de tina)	
Ka bu fala kuma ami i budjugu, mandinga, djakanka, o (Fula) (música 1 de tina)	

Pa fala: N' padi (son na boka) (música 2 de tina)	
Pa fala: N' padi (música 2 de tina)	
Bó misti sibi ké n'pasa (música 3 de tina)	
N'ta bai mbora (música 3 de tina)	
Má n'fika la n'tchora (música 3 de tina)	
N'tchora óóh, n'tchora ééh, n'tchora óóh (música 3 de tina)	
I tené reia, si murri n'ta n'teral la óóh (música 3 de tina)	
Ali gossi n'sedu homi (música 3 de tina)	
Tudo terra ku n'pisa nta leba ku mi bandera di Guiné (música 3 de tina)	
(N'ta leba ku mi bandera di nha Papé) (música 3 da tina)	
Ke ma n' bin nan pa bin kesau (música 4 de tina)	
Na fura na beku di Santa Luzia, n' sinti mindjeris na ruin (música 4 de tina)	
N' bida n' ka ten sorti, n' ka ten sorti, n' ka ten sorti (música 4 de tina)	
N' ka ten sorti na kerensa (música 4 de tina)	
Ku manda n' dingui, ku manda n' dingui, e e (música 4 de tina)	
Ku manda n' dingui, e e, kuma n' dingui na tera branku (música 4 de tina)	
Mandjuas n' dingui na tera branku, n' dingui, e e (música 4 de tina)	
Mandjuas n' dingui na tera branku, n' kanba mar, o (música 4 de tina)	
Mandjuas n' dingui na tera branku, bo bin djudan de (música 4 de tina)	
Mandjuas n' dingui na tera branku (música 4 de tina)	
N' na sinti falta di Veronika, n' na sinti falta di kinta Budjugu (música 4 de tina)	
N' na sinti falta di nkur kebe (música 4 de tina)	
Mandjuas n' dingui na tera branku (música 4 de tina)	
N' na sinti falta di Mariama, n' na sinti falta di Mindoka (música 4 de tina)	
N' na sinti falta di Djaría (música 4 de tina)	
N' na sinti falta di Nanina, n' na sinti falta di Amelia (música 4 de tina)	
N' na sinti falta di bebe (música 4 de tina)	
Mandjuas n' dingui na tera branku, ma n' dingui, n' dingui (música 4 de tina)	
Ki manda n' kuri n' kanba mar (música 4 de tina)	
N' fala ma fasi mal, fasi mal ku ka bali (música 5 de tina)	
N' fala ma tia, ooo! Bu susu korson (música 5 de tina)	

N' fala, ma tia, ooo! Bu tia, titia (música 5 de tina)	
--	--